

Salvamento no Golfo

FRANK SARGEANT

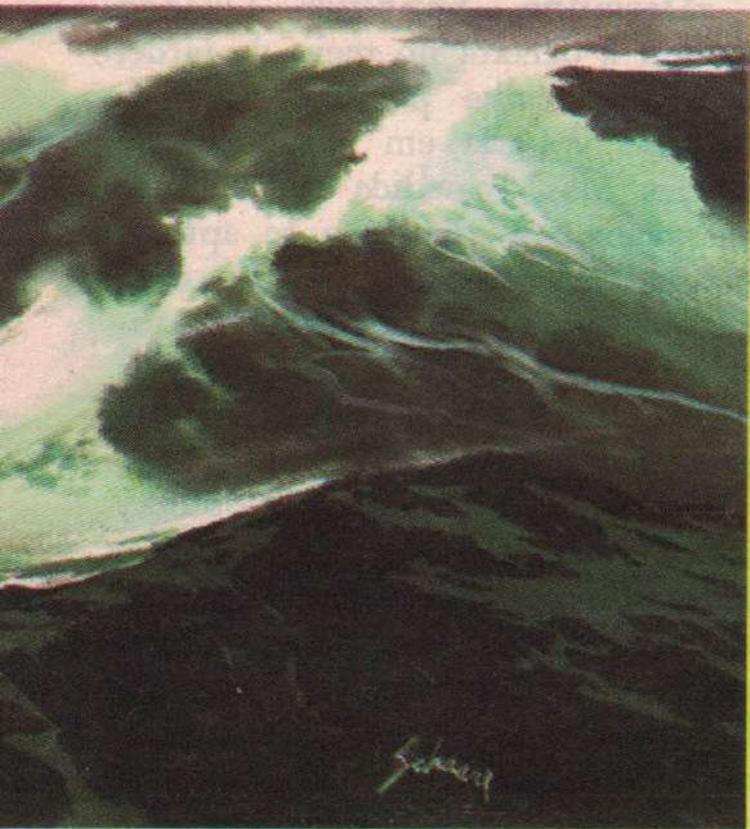


NA ESCURIDÃO tempestuosa do Golfo do México, a bonita jovem de 23 anos lutava sozinha com a água. Relâmpagos cortavam a noite e ela era fustigada incessantemente por ondas varridas pelo vento. A costa estava a mais de dez milhas de distância, em que direção ela não podia imaginar. Quatorze horas na água tinham-na deixado próximo da exaustão. E agora ela estava ficando

convencida de que não conseguiria aguentar até ao fim da noite.

Não houvera qualquer sinal de perigo quando Glenda Lennon mergulhou na água calma e maravilhosamente límpida para fazer caça submarina, naquela ensolarada tarde de agosto há dois anos atrás. O marido, Robert, ficou olhando de sua lancha de seis metros e meio, ancorada próximo da última bóia de sinalização do canal, cinco milhas

A milhas de distância da costa, durante uma noite negra e tempestuosa, ela lutou para se manter viva



ao largo de Homosassa, na Flórida. Mas na cabeceira do Rio Homosassa, onde eles haviam lançado o barco à água, as nascentes despejavam diariamente 450 milhões de litros de água clara como cristal, e durante a maré baixa surgem correntezas ao longo do canal. Cerca de 15 minutos depois de entrar na água, Glenda sentiu a correnteza puxá-la. Inquieta, mas não atemorizada, ela chamou Robert.

Robert atirou-se à água para ajudá-la, e algumas braçadas vigorosas levaram-no até Glenda. O pequeno *poodle* do casal, Spunky, pulou na água para juntar-se a eles, mas foi rapidamente levado pela correnteza. A pedido da mulher, Robert deixou-a para ir buscar o pequeno animal. Quando voltou outra vez para a mulher, entretanto, verificou que mal podia vencer a correnteza. Só à custa de nadar com muita força conseguiu levar Spunky de volta a Glenda. O sol forte de agosto tinha levado a maioria dos barcos a recolherem-se em terra; não havia um único à vista. De momento para momento, o barco deles parecia menor à distância.

Robert, um nadador experientado e instrutor de segurança no mar, que durante 14 anos nadara em competições oficiais, sabia que não iria conseguir arrastar a mulher contra a correnteza. De máscara de mergulho, *snorkel* e pés de pato, ela não corria perigo imediato. Ele decidiu tentar alcançar o barco por seus próprios meios. Uma vez a bordo, poderia rapidamente recolher a mulher. Ele lembrou-lhe as técnicas de sobrevivência: permanecer calma, não lutar contra a água, levantar a cabeça só para respirar. Avisou-a também de que talvez ela não conseguisse segurar Spunky durante muito tempo. Em seguida, partiu na direção do barco, que na altura era apenas um ponto à distância.

Um Sol Poente. Durante mais

de uma hora, enquanto lutava com a maré vazante, Lennon continuou a ser levado na direção do mar. Já bem fora da vista de terra, ele tinha para se orientar apenas o Sol, que se debruçava agora sobre o horizonte ocidental. Dando as costas ao Sol, continuou a nadar.

Finalmente, a vazante cessou, e ele começou a progredir. Mas será que conseguiria localizar a lancha no meio daquela vasta imensidão de mar sem qualquer sinalização? As chances pareciam ser astronômicamente pequenas. Mas ele continuou sem cessar, mudando repetidamente de movimentos de nado para descansar os músculos fatigados.

Subitamente ele avistou um reflexo a leste — eram os raios do Sol poente brilhando contra a antena de rádio da lancha! Agora, com confiança, Lennon apelou para o resto das suas forças e, finalmente, subiu para dentro do barco, seis longas horas depois de o deixar.

Durante alguns preciosos momentos, ele permaneceu imóvel, exausto demais para conseguir mexer-se. Mas depois lutou contra si próprio para pôr o barco em andamento. Segurou com o corpo a roda do leme, enquanto o barco se dirigia para oeste, em direção ao lugar onde tinha deixado Glenda e onde, muito rapidamente, o Sol estava agora mergulhando no mar cor de jade. A frota de pesca de camarão de Homosassa, que estava ao largo, ouviu seus repetidos pedidos de auxílio pelo rádio e juntou-se às buscas, reenviando a

mensagem para terra através dos seus poderosos transmissores.

Dentro de algumas horas, a área estava pontilhada de holofotes de barcos particulares, navios da polícia e da frota de pesca. Aviões da Guarda Costeira roncavam no céu. Mas Glenda não se encontrava em parte alguma.

«**Desculpe, Spunky!**» Quando Robert a deixara no meio da tarde, a mulher tinha plena certeza de que ele voltaria em breve com a lancha. Mas, à medida que as horas passavam e a escuridão se aproximava, ela começou a ficar cada vez mais assustada. Talvez o marido não tivesse conseguido alcançar o barco. Talvez ambos fossem morrer.

Durante algum tempo, Spunky tinha ficado quieto, mas depois a ansiedade de Glenda comunicou-se a ele. O cãozinho começou a agarrar-se a ela e a tentar subirlhe nos ombros, empurrando a dona para baixo com os seus frenéticos esforços. Ela procurou acalmá-lo fazendo-o boiar a um braço de distância. Depois tentou alcançá-lo ao seu peito. Mas os movimentos desordenados do animal continuaram, e finalmente o esforço tornou-se demais para a jovem exausta. «Desculpe, Spunky», murmurou ela. «Boa sorte.» Ela soltou o abraço, e dentro de momentos os dois estavam separados. Glenda não tinha mais condições de cuidar dele.

À medida que o Sol baixava, ela lembrou-se de histórias sobre tu-

barões que atacavam ao largo do golfo. «Não permita isso, meu bom Deus!» rezou ela. Os pés de pato já tinham principiado a cortar os calcanhares por causa da constante batida de pés para se manter flutuando. A fadiga estava começando a enfraquecê-la. A desidratação fez aparecer uma sede angustiante, mas ela sabia que não podia beber água salgada.

A borrasca que estava ameaçando irromper com violência, e uma chuva gelada caiu em catadupas. A água doce aliviou-lhe o ardor nos lábios queimados pelo sal, mas as altas vagas tornavam difícil manter o *snorkel* acima do nível da água. E, embora as águas do golfo sejam relativamente cálidas, a temperatura do corpo de Glenda estava começando a baixar. Com o esfriamento, um torpor começou a tomar conta dela — apesar dos raios errantes que riscavam o céu e do estrondo dos trovões.

Quando a tempestade terminou, Glenda simplesmente não conseguia mais se manter acordada. Ela mergulhou o rosto no mar como se este fosse um travesseiro e deixou-se levar ao sabor das ondas. O *snorkel* permaneceu fora da água, fornecendo ar enquanto ela dormitava.

Glenda não tinha maneira de saber durante quanto tempo dormiu, mas, quando acordou, o céu estava limpo. As estrelas estavam mais brilhantes do que jamais as tinha visto em terra. Pontos fosforescentes brilhavam na água e cardumes de peixes descreviam traços de

luz quando passavam muito perto.

Oração Para o Nascer do Sol.

Pela primeira vez, ela ouviu um avião. Luzes começaram a pontilhar a escuridão, primeiro ao longe e depois mais perto. Quando um dos pára-quadras luminosos caiu no mar, a menos de 100 metros de distância, ela nadou freneticamente na sua direção, abanando os braços e gritando. Mas o avião mergulhou zumbindo dentro da noite sem se deter; ninguém a tinha visto. Ela sentiu-se prestes a sucumbir.

Agora, já com poucas esperanças, os pensamentos de Glenda dirigiram-se para os detalhes da vida que ela tinha deixado em terra. Durante meses, ela havia feito economias a fim de comprar um relógio caro para oferecer a Robert no Natal. Seria um presente de surpresa; ela tinha feito a encomenda e pago o sinal. Se ela não sobrevivesse, será que ele chegaria algum dia a recebê-lo?

Enquanto pensava em Robert, procurou sentir seu anel de casamento, e descobriu que a fina tira de metal estava ficando frouxa no seu dedo murcho de tanto tempo mergulhado na água. Ela tirou-o e colocou-o no polegar, dobrando-o para dentro da mão fechada. Era difícil não pensar nas coisas que iria perder: as crianças que eles queriam ter, a velha casa bonita que ambos tinham planejado remodelar. Ela rezou para estar apenas viva ao nascer do Sol.

Nas horas que precederam a alvorada, pequenos peixes de dentes

aguçados picaram-na como enxames de mosquitos; a água salgada irritou também os seus calcanhares feridos. Ela começou a pensar se o sangue iria atrair os tubarões ou se ela iria apenas se afogar de fadiga.

Por fim, o Sol surgiu sobre um mar calmo mas vazio. À medida que se erguia mais alto, mais forte lhe voltava a sede. Seus lábios queimavam, a língua parecia grande demais para a boca. O sal havia encrostado todo o seu cabelo num sólido emaranhado. As coxas estavam em chagas pelo atrito entre elas cada vez que batia as pernas para erguer a cabeça fora de água para respirar. Ela calculou que estava nadando havia pelo menos 18 horas. «Isto não pode durar para sempre», pensou ela. «Talvez fosse melhor terminar tudo já.»

«**Procurem um Brilho.**» Vinte milhas para leste, o pessoal de busca reunia-se em Homosassa. Estavam todos eles determinados a continuar, embora a maioria sentisse que havia já poucas esperanças de encontrar Glenda viva. Como auxiliar num serviço de ambulâncias, Robert havia muitas vezes experimentado a tragédia de outras pessoas. «Agora», ele disse para seu pai, «aprendi a não acreditar em milagres.»

Mas um entre eles acreditava que ainda poderiam encontrar Glenda — «com a graça de Deus e um pouco de matemática». Duncan MacRae, um homem taciturno e de tez avermelhada, encarregado de

uma marina em Homosassa, tem passado grande parte dos seus 50 anos a estudar o golfo. Ele provavelmente conhece os seus estados de humor, suas correntes, seus habitantes e seu terreno melhor que qualquer outro homem em toda a costa. Sabendo que havia poucas chances de encontrar Glenda durante a escuridão, MacRae tinha concordado em juntar-se às buscas ao nascer do dia.

A prolongada e suave inclinação do terreno submarino costeiro, raciocinou ele, mantém à distância os grandes tubarões que erram pelas águas mais profundas a oeste. Se Glenda tivesse milagrosamente encontrado forças para continuar nadando, talvez ela ainda estivesse viva.

Com as primeiras luzes da manhã, MacRae largou da sua marina numa lancha pequena e rápida. Dois voluntários acompanharam-no até à bóia sinalizadora do canal, onde a lancha dos Lennon estava ancorada.

Uma vez ali, MacRae deixou seu pequeno barco vogar livre enquanto estudava a superfície inquieta da água. Ele sabia que a corrente do golfo havia se deslocado à velocidade de uns oito nós no dia anterior, mas o seu período de fluxo estava quase na metade quando a garota deixara o barco. A maré enchente que se seguiu naquela noite a teria trazido de volta na direção de terra, e a atual maré vazante estaria novamente levando-a para o mar. O deslocamento seria na direção noroeste: havia um vento constante

soprado com uma média de 10 nós naquela direção. Após um breve cálculo mental, ele acelerou e lançou o barco a toda a velocidade para oés-noroeste.

Enquanto se encaminhavam para o mar, MacRae instruiu seus dois passageiros: «Procurem um brilho na água. Se descobrirem qualquer coisa, não tirem os olhos dela nem por um segundo.» (Sem qualquer ponto de referência, os contatos visuais no mar são frequentemente impossíveis de relocalizar depois de perdidos.)

Um Braço Magro e Branco. De acordo com os cálculos de MacRae, a maioria dos esforços de buscas tinha se dado muito próximo da costa. As suas estimativas eram, no máximo, de uma pessoa experiente, mas seus cálculos bem fundamentados já tinham dado prova do seu valor no passado. Entretanto, também ele tinha sido muitas vezes humilhado pelo imprevisível golfo, e, mesmo se o seu raciocínio fosse correto, encontrar uma única nadadora no meio de tanta água seria, acima de tudo, uma questão de sorte.

Durante a próxima meia hora eles localizaram e verificaram repetidamente objetos brilhantes, encontrando apenas latas usadas, garrafas e flutuadores de armadilhas para caranguejos. MacRae começou a acreditar que talvez tivessem ultrapassado Glenda com o crescer das vagas. Ou talvez ela já não flutuasse mais. Ele estava pensando em voltar, quando um dos vigias apontou para um fulgor à frente.

No mesmo instante, qualquer coisa em outra direção atraiu o olhar de MacRae. O reflexo prateado poderia ter sido uma cavala. Mas em agosto as cavalas são raras nesta parte do golfo. MacRae decidiu dirigir-se para o seu próprio achado.

Um momento mais tarde, um braço magro e branco ergueu-se acima de uma onda que subia. «Meu Deus, ela está viva», murmurou um dos homens.

«Temos de apanhá-la rapidamente», disse MacRae. «Às vezes, quando eles vêm o auxílio chegando, pensam que estão salvos e relaxam cedo demais.»

Quando a lancha se aproximou de Glenda, MacRae cortou o motor. O ímpeto levou-a diretamente até à jovem. Enquanto deslizavam junto do seu corpo, MacRae agarrou-a por um pulso com a sua forte mão direita e, com um movimento, rolou-a sobre a amurada mais baixa para dentro da lancha. O longo banho de Glenda havia terminado.

«Graças a Deus», ela murmurou. «Graças a Deus.» Fraca demais para se mexer, ela começou a chorar, e apareceram lágrimas nas faces dos três homens. Embrulharam-na em cobertores. Sua mão esquerda estava ainda firmemente fechada sobre a aliança de casamento. «Quero ir para o meu marido», deixou ela escapar num murmúrio através dos lábios inchados pelo sal.

A toda a velocidade, a lancha dirigiu-se para leste. O primeiro barco que avistaram junto à costa

era o dos Lennon, com Robert ao leme, ainda procurando desesperadamente. Enquanto MacRae acostava, Robert subitamente viu a mulher estendida no convés. Com um formidável impulso, ele lançou-se do seu barco e foi cair ao lado de Glenda, quase virando a pequena lancha. Os Lennon estavam finalmente reunidos.

Glenda havia nadado mais de 20 horas sem qualquer flutuação artificial, mantida viva apenas pelo seu desejo de viver, minuto a minuto. Ela havia perdido nove quilos pela desidratação, seus pés estavam para sempre marcados

com as feridas produzidas pela fricção dos pés de pato. Mas depois de uma semana no hospital ela era a mesma pessoa outra vez. Os amigos trouxeram-lhe um minúsculo *poodle* preto para ocupar o lugar de Spunky. E um ano mais tarde, em setembro de 1971, ela teve a primeira das crianças que, naquela longa noite solitária, ela pensou que nunca iria ter.

Robert usa o seu relógio do Natal todos os dias. É um lembrete da coragem de sua mulher, da habilidade de um excelente homem do mar e de um milagre que realmente aconteceu.



NA MOCIDADE, o pintor francês Maurice Utrillo bebia muito. Cada vez que tomava uma bebedeira, metia-se em brigas, e a Polícia acabava arrastando-o para a cadeia, o pintor distribuindo socos e pontapés. Soltavam-no quando ele estava sóbrio, e uma ou duas semanas depois a cena se repetia.

No começo, pintor e Polícia eram inimigos, mas, com o correr dos anos, as antipatias mútuas foram diminuindo. Utrillo já ia sem brigar, e a Polícia passou a considerá-lo mais como hóspede que prisioneiro. Mantinham um suprimento de tintas e pincéis na cadeia, para que ele não interrompesse o trabalho enquanto estivesse lá. Utrillo teve a certeza de que os havia conquistado definitivamente quando passaram a reservar-lhe uma cela com a iluminação correta.

— E. E. E.



Visto do Oriente

UM JOVEM chinês em Okinawa viu uma estatueta dos três macacos pela primeira vez. Disseram-lhe que o macaco cobrindo os olhos significava «Não veja o mal», o que cobria as orelhas «Não escute o mal», e o que cobria a boca «Não fale mal». O menino estudou a estatueta por um momento, depois disse: «Poderia significar que o macaco que está com as mãos sobre os olhos está escutando, o que está com as mãos sobre as orelhas está olhando e o que está com as mãos sobre a boca está pensando.»

— H. G.

66 Entre Aspas 99

RETIRE do gênero humano o princípio da fé, e os homens não teriam mais história que um rebanho de carneiros. — M. B.

É POSSÍVEL que os homens não sejam iguais em todos os aspectos, mas todos são igualmente homens.

— Hugh Gaitskell, citado por Geoffrey McDermott em *Leader Lost; A Biography of Hugh Gaitskell*

APOSENTADORIA, parece-nos, é formidável se você está ocupado, rico e saudável. Mas, então, nessas condições, trabalhar é formidável também.

— B. V.

AQUELE que diz o que quer ouve o que não quer.

— Citado por Leonard Louis Levinson em *Bartlett's Unfamiliar Quotations*

MÚSICA é a taquigrafia da emoção.

— Leon Tolstoi

TORNAR-SE ADULTO é em geral um processo tão penoso que se costuma fazer comédias a respeito para amenizar a memória.

— John Greenwalld, em *Family*

NATUREZA, parece, é o nome popular para milhares e milhares e milhares de partículas jogando seu jogo infinito de biliars e biliars e biliars.

— Piet Hein, em *Grooks I*

O PIOR de quando se vai ao dentista é que não se pode ranger os dentes.

— W. S.

O DINHEIRO que Colombo gastou para descobrir a América mal daria, hoje, para ele passar uma semana em Nova York.

— R. L.

A COISA mais difícil do mundo é abrir uma cabeça dura. — M. M.

VIVEMOS todos sob o mesmo céu, mas nem todos temos os mesmos horizontes.

— Konrad Adenauer

A VERDADEIRA enfermidade da velhice são as queixas. — C. P.

NO TRÁFEGO atual, você pode salvar uma vida todos os dias: a sua.

— S. S.